



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

agosto | 2025

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionial, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No Oeste, embora com oscilação, as temperaturas máximas persistiram bastante elevadas durante a primeira metade do mês, tendo-se registado vários dias com temperaturas superiores a 35°C. Na segunda metade do mês as temperaturas máximas apresentaram-se mais estáveis e com uma tendência de descida, situando-se mais próximas dos valores normais para a época. As temperaturas mínimas registaram maior estabilidade ao longo do mês, tendo-se mantido elevadas grande parte dos dias, com valores superiores a 16°C, embora pontualmente se tenham verificado valores inferiores ao normal para a época.

As amplitudes térmicas diárias foram menores do que no mês anterior. No entanto, na primeira metade do mês registaram-se alguns dias com valores mais acentuados. As amplitudes térmicas máximas, foram de 22,6°C e de 10,7°C no dia 11, respetivamente nas estações de Torres Vedras/Dois Portos e de Santa Cruz/Aeródromo, e de 20,6°C na estação de Alcobaça no dia 12.

Os dias decorreram principalmente com céu pouco nublado ou limpo e com ocorrência de períodos de maior nebulosidade junto ao litoral. Registaram-se também alguns dias de céu limpo, principalmente no início do mês, e alguns dias de céu muito nublado na segunda metade do mês. Foi frequente a formação de neblina ou nevoeiro matinal, principalmente nos locais mais junto ao litoral.

O mês foi menos ventoso do que o anterior, tendo os dias decorrido principalmente com vento fraco a moderado, soprando pontualmente forte junto ao litoral. A

intensidade do vento foi menor nas primeiras duas semanas, que registaram vários dias com vento fraco. Foram registadas rajadas superiores a 40km/h, três dias na estação de Alcobaça, um dia na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e dez dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

O mês foi seco, com uma precipitação acumulada inferior ao normal para época, que ocorreu principalmente sob a forma de chuva fraca ou chuveiro, essencialmente nos últimos dias do mês.

A humidade relativa média foi elevada durante o mês.

Em termos globais, com o tempo quente e seco, os níveis de água no solo diminuíram relativamente ao mês anterior, embora se tenham verificado pontualmente situações de recuperação. À semelhança do mês anterior, mais junto ao litoral predominava o índice de capacidade de campo CC [21, 40] e mais para o interior predominava o índice CC [11, 20]. Os níveis de água no solo diminuíram nos concelhos de Caldas da Rainha, Bombarral e Lourinhã, onde o índice CC [11, 20] ganhou dimensão, enquanto nos concelhos de Torres Vedras e Alenquer houve alguma recuperação, tendo aumentado a área no índice CC [21, 40]. Reduziu a área ocupada pelo índice CC [41, 60], apenas com uma pequena mancha no limite do concelho de Torres Vedras a sul, junto à faixa costeira.

Em geral houve disponibilidade hídrica para rega e para o abeberamento de animais. No final do mês as reservas de água superficiais apresentavam algum decréscimo, mas continuavam a manter volumes de armazenamento superiores ao normal para a época, tal como as reservas de água subterrâneas que apresentavam níveis iguais ou superiores ao normal para a época, apesar de se ter verificado menor disponibilidade de água em algumas captações subterrâneas.

As temperaturas elevadas e a falta de precipitação causaram stress hídrico nas culturas de sequeiro, como o milho, o feijão e o grão-de-bico, afetando a produtividade. Nas vinhas, em geral as condições do

tempo, quente e seco, favoreceram o surgimento de algumas pragas insetívoras, mas permitiram manter a baixa pressão de doenças fúngicas. A precipitação ocorrida nos últimos dias do mês, embora fraca, foi favorável à cultura. Nos citrinos, em concreto nos pomares de limão, apesar das temperaturas bastante elevadas na primeira metade do mês, os estragos nos frutos causados por escaldão solar não foram significativos. Nas pomóideas as temperaturas elevadas causaram paragem no crescimento normal dos frutos, que em muitos casos foi irreversível, contribuindo para calibres menores de pera Rocha e maçã Gala. Provocaram ainda na maçã Gala escaldão interno de frutos (frutos com polpa escura). No olival, com o tempo quente e seco verificou-se uma redução significativa da atividade fotossintética e algumas situações de *stress* hídrico com paragem no desenvolvimento dos frutos e perda de produção devido à queda de frutos por desidratação. Mas o tempo quente influenciou o bom estado fitossanitário do olival, uma vez que as temperaturas elevadas provocaram a mortalidade dos ovos e larvas de mosca da azeitona. No arroz, embora os dias luminosos e quentes tenham acelerado o desenvolvimento da cultura, os dias com temperaturas mais extremas poderão ter provocado abortamento floral nos campos mais adiantados. Na cultura do tomate para a indústria, o tempo quente e a disponibilidade de água aceleraram o desenvolvimento das searas. No entanto, nas plantações mais tardias, as temperaturas elevadas terão provocado uma paragem no desenvolvimento dos frutos. Na cultura da batata, as condições climáticas do mês mantiveram baixa a pressão do mildio, mas favoreceram o desenvolvimento de pragas como a traça da batateira e o ácaro branco. O vento causou algumas lesões nas plantas, provocando alguma podridão mole nos tubérculos. Na batata de sequeiro, houve necessidade de alguma aplicação de rega. Nas hortícolas ao ar livre, as condições do tempo, apesar de particularmente quente, não foram negativas para as couves, apenas tendo havido mais necessidade de rega. No decurso do mês fizeram-se colheitas de

couves, cenouras e abóboras. Com produção de boa qualidade, a oferta de couves manteve-se inferior à procura e com bons preços, principalmente no início do mês, já que no final a oferta tinha aumentado. Manteve-se a pouca oferta de cenouras. A redução de sementeiras em abril e maio, devido ao excesso de água no solo, condicionaram as colheitas de agosto e irão também influenciar as de setembro. O mercado tem recorrido à importação para compensar a pouca produção de cenoura neste verão. O excesso de água no solo na fase inicial da cultura e o tempo seco e quente na fase mais adiantada, interferiram na qualidade da produção quanto ao aspeto visual, originando níveis de refugo superiores ao habitual. Foi plantada menos área de abóbora do que no ano anterior devido à dificuldade de instalação da cultura, a qual em grande parte decorreu mais tarde e por esse motivo as colheitas encontravam-se um pouco atrasadas. A qualidade é média e a produtividade é inferior, verificando-se menor quantidade de frutos por planta e calibres mais baixos devido a abortamento floral e ao encurtamento do ciclo da cultura. Nas hortícolas em estufa (tomate, pepino, courgette e feijão-verde), os dias quentes e com muita luminosidade, foram favoráveis ao aceleração do desenvolvimento das culturas.

No **Médio Tejo**, o mês registou temperaturas médias superiores ao normal e precipitação significativamente abaixo da média, caracterizando-se como muito quente e muito seco. Verificou-se uma onda de calor entre os dias 9 e 16, de acordo com os registos da estação de Alvega. As amplitudes térmicas diárias mantiveram alguma variabilidade ao longo do mês, com valores médios de 18,4°C e de 22,0°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega, um pouco inferiores ao mês anterior. A maior amplitude térmica diária foi de 25,6°C registada no dia 14 na estação de Tomar/Vale Donas e de 28,3°C, registada nos dias 3 e 9 na estação de Alvega.

Na estação meteorológica de Alvega a temperatura máxima mais elevada verificou-se muito superior à média da temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa verificou-se um pouco inferior à normal para a época.

Ao longo do mês, o céu apresentou-se maioritariamente pouco nublado ou limpo. No entanto, entre os dias 17 e 20, registaram-se períodos de maior nebulosidade.

Relativamente ao vento, este soprou essencialmente fraco a moderado, sendo por vezes moderado a forte nas terras mais altas.

O mês decorreu praticamente sem chuva, registando-se um dia na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas com precipitação acumulada muito residual.

A humidade relativa média registada em ambas as estações meteorológicas manteve-se praticamente inalterada em relação ao mês anterior.

O teor de água no solo nos concelhos de Abrantes, Mação, Sardoal, Constância, Vila Nova da Barquinha e Alcanena situava-se no final do mês maioritariamente no índice CC [21, 40]. Os concelhos de Entroncamento, Tomar e Ourém situavam-se maioritariamente no índice CC [11, 20]. O concelho de Ferreira do Zêzere situava-se entre os índices CC [11, 20] e CC [21, 40]. O concelho de Torres Novas situava-se entre os índices CC [11, 20] e CC [1, 10]. Relativamente ao mês anterior verificou-se uma descida mais acentuada do teor de água no solo nos concelhos de Torres Novas e Tomar.

As reservas de água superficiais apresentavam níveis considerados bons, embora inferiores aos registados no mês anterior. Apesar dessa diminuição, não foi identificada falta de água na região, quer para a rega, quer para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, no que respeita às culturas de primavera-verão, salienta-se no geral o efeito das temperaturas elevadas nos ciclos vegetativos, verificando-se um adiantamento dos mesmos. Nas vinhas para vinho, o tempo quente

permitiu uma menor pressão de pragas na cultura. Nas vinhas para uva de mesa, as temperaturas elevadas registadas, sobretudo na primeira quinzena do mês, provocaram escaldão nos frutos, afetando particularmente a variedade Dona Maria. Nos olivais tradicionais, as elevadas temperaturas diurnas e noturnas, bem como a onda de calor registada durante o mês de agosto, reduziram significativamente a atividade fotossintética das oliveiras. Alguns olivais instalados em solos delgados e pouco profundos começavam a evidenciar sinais de *stress* hídrico. Este manifesta-se pela alteração da coloração das folhas, pela sua queda prematura e, em casos mais severos, pela desidratação dos frutos, levando à sua perda. Estas condições extremas afetaram também as pragas, em especial a mosca da azeitona, provocando a mortalidade dos seus ovos e larvas. Nos olivais intensivos de regadio, o tempo traduziu-se no expectável para a época, verificando-se boas condições para o crescimento dos frutos. Nas figueiras, as condições climáticas durante o mês de agosto não tiveram impacto no normal desenvolvimento dos figos da cultivar 'Pingo de mel'. No entanto, em relação a um ano normal houve um ligeiro atraso no início da maturação dos figos vindimos (cerca de cinco dias). No que respeita às noqueiras, as temperaturas elevadas não causaram danos significativos na cultura. Observou-se apenas escaldão em alguns frutos, sobretudo em árvores com menor densidade de folhagem. Em casos isolados, o escaldão também foi observado nas folhas de árvores com bom estado hídrico, o que poderá indicar que este fenómeno pode ocorrer independentemente do estado hídrico da planta.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, o mês decorreu com alguma oscilação das temperaturas máximas, em especial na primeira quinzena, período em que se mantiveram bastante elevadas. Nas temperaturas mínimas registou-se uma maior estabilidade dos valores. Continuaram a verificar-se amplitudes térmicas diárias significativas, mais acentuadas na primeira metade do mês. Na Lezíria do Tejo o valor médio da

amplitude térmica foi 17,3°C e o valor máximo diário foi 25,8°C, registado no dia 3 na estação meteorológica de Santarém/Fonte Boa. No Baixo Sorraia o valor médio da amplitude térmica foi 19,0°C e o valor máximo diário foi 25,9°C, registado no dia 3 na estação meteorológica de Coruche.

A temperatura máxima foi bastante superior ao normal para a época e a mínima foi ligeiramente inferior, de acordo com os registos das estações de Santarém/Fonte Boa e de Coruche.

O mês decorreu principalmente com dias de céu pouco nublado ou limpo, tendo-se verificado também alguns dias de céu limpo e outros com períodos de muita nebulosidade.

O vento foi fraco a moderado em grande parte dos dias.

A precipitação ocorrida foi praticamente inexistente, tendo havido registo de chuva apenas no último dia do mês em ambas as estações meteorológicas.

No final do mês o teor de água no solo tinha diminuído relativamente ao mês anterior. Nos concelhos do Baixo Sorraia o teor de água no solo situava-se principalmente no índice CC [21, 40], embora se observassem algumas manchas nos índices CC [41, 60], CC [11, 20] e CC [1, 10]. Na Lezíria do Tejo, o teor de água do solo situava-se entre os índices CC [21, 40], CC [11, 20] e CC [1, 10], verificando-se uma pequena mancha a norte no ponto de emurchimento permanente, índice PEP (<1).

Os níveis das reservas de água superficiais apresentavam alguma descida, contudo, ainda acima do normal para a época. Não foram registadas faltas de água para rega nem para o abeberamento das espécies pecuárias.

A influência do tempo, designadamente as temperaturas altas e os níveis de luminosidade foram favoráveis ao desenvolvimento das culturas de primavera-verão, em regime de regadio, tendo favorecido o aceleração dos seus ciclos vegetativos. Houve necessidade de incrementar as regas para fazer face à

evapotranspiração das culturas. O tempo seco permitiu que as doenças fúngicas, mantivessem uma intensidade baixa e com um controlo eficaz, nomeadamente nas vinhas e na batata. Na cultura do arroz, os dias consecutivos de temperaturas elevadas poderão ter afetado a polinização nos campos semeados mais tarde. No tomate para a indústria, as temperaturas elevadas provocaram situações de escaldão, essencialmente nas searas mais precoces e mais expostas. Nas noqueiras, as temperaturas elevadas causaram escaldão em alguns frutos, sobretudo em árvores com menor densidade de folhagem. Nas amendoeiras, as temperaturas elevadas adiantaram os ciclos vegetativos, mas com necessidade de reforçar a rega. Nos citrinos (laranja), as altas temperaturas durante a primeira quinzena de agosto, provocaram stress hídrico em alguns pomares, tendo havido necessidade de aumentar o tempo de rega. No olival de regadio as condições climatéricas não afetaram o desenvolvimento da cultura.

Na **Grande Lisboa**, o mês decorreu muito quente e seco, com grandes oscilações da temperatura máxima, sobretudo na primeira quinzena. A temperatura máxima mais elevada foi superior ao normal para a época e a temperatura mínima mais baixa foi ligeiramente inferior ao normal para a época.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por tempo quente, com formação de neblina em alguns locais da faixa costeira.

No que respeita ao vento, este esteve geralmente fraco a moderado (até 30 km/h), soprando por vezes forte (até cerca de 52 km/h) a partir do dia 17 até final do mês, em especial no litoral.

O mês decorreu seco, com precipitação muito residual.

A humidade relativa média foi superior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo, no concelho de Vila Franca de Xira situavam-se no ponto de emurchimento permanente, índice PEP (<1).

Nos concelhos de Cascais, Sintra, Mafra e Loures situavam-se no índice CC [21, 40], destacando-se Lisboa e Odivelas no índice CC [41, 60].

No final do mês pode-se considerar normal para a época o estado das linhas de água e o armazenamento de águas superficiais e nos aquíferos, com disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do estado do tempo, apesar das elevadas temperaturas não houve registo de grandes amplitudes térmicas o que foi positivo para o desenvolvimento vegetativo das culturas de primavera-verão, tendo sido necessário intensificar a rega nos dias de maior calor. Já nas pomóideas, o tempo excessivamente quente que se fez sentir, sobretudo as elevadas temperaturas noturnas, afetou a sua qualidade, quer a nível da menor coloração das maçãs de variedades vermelhas ou bicolores, quer no baixo calibre das peras, cujo crescimento foi interrompido até ao início da colheita. Nos limoeiros, à semelhança do que sucedeu com as pomóideas, as elevadas temperaturas foram um fator inibidor do crescimento de frutos, que resultou numa perda de qualidade e menor calibre, bem como contribuiu para o aparecimento de escaldão solar nos frutos. No olival, o tempo quente inibiu o desenvolvimento dos frutos e provocou escaldão e stress hídrico nas azeitonas em algumas áreas. No tomate para indústria, as elevadas temperaturas prejudicaram algumas plantações mais tardias que ainda estavam em floração e, nas mais precoces com tomate muito maduro, houve registo de prejuízos causados por escaldão.

Na **Península de Setúbal**, o mês decorreu muito quente. As temperaturas máximas registaram valores acima do normal para a época em praticamente todo o mês, com tendência de descida a partir de dia 12. As temperaturas mínimas registaram em geral valores acima do normal para a época. A maior amplitude térmica diária foi de 25,9°C, registada no dia 11 na estação de Pegões.

Foi registada uma onda de calor no período entre os dias 9 a 14, de acordo com os registos da estação meteorológica de Pegões.

Os dias decorreram com céu geralmente pouco nublado ou limpo, ocorrendo dias com céu muito nublado principalmente no período da manhã.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 25 km/h a 30 km/h), por vezes forte (até 40 km/h) a partir de dia 17, com registo de rajadas de 46 km/h na estação de Setúbal.

O mês decorreu muito seco na região, ocorrendo precipitação em apenas um dia na estação de Setúbal e em sete dias na estação de Pegões, ambas as situações com valores muito residuais.

A humidade relativa média foi superior à registada no mês anterior.

O teor de água no solo registava valores no índice CC [21, 40] em praticamente toda a região, havendo áreas com índice CC [11, 20] nos concelhos de Almada, Seixal, Sesimbra e Palmela. As zonas mais a norte dos concelhos de Almada e Seixal registavam valores no índice CC [41, 60].

Não se verificaram situações de escassez de água para a rega e para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, na vinha, as temperaturas elevadas na primeira quinzena de agosto aceleraram o ciclo, principalmente nas castas brancas, antecipando a data de vindima, que estava com atraso de cerca de dez dias relativamente ao normal. Por outro lado, há também a referência de que as elevadas temperaturas ocorridas tenham levado a dormência da planta, com paragem na maturação da uva e na reposição de açúcares (paragem de fotossíntese com temperaturas superiores a 35°C), influenciando o ritmo da vindima, que se revelou faseada, com interrupções.

Estas paragens fisiológicas terão consequências na produção, uma vez que, apesar de a quantidade aparentemente ser muito elevada, o aumento de peso nos cachos pode não se verificar. Nas pomóideas a situação anteriormente referida de fruta queimada por escaldão, com efeitos no seu interior (tipo cozedura) não foi tão grave como se receava, considerando o período noturno com temperaturas mais baixas, que amenizaram esses danos. No entanto, no caso da maçã houve zonas onde este problema foi bastante acentuado. As elevadas temperaturas no período de crescimento influenciaram o calibre da fruta, que foi inferior relativamente à campanha anterior, principalmente no caso da maçã. Na cultura do milho, devido às temperaturas muito elevadas que se registaram (principalmente até meados do mês) houve especial atenção nas regas efetuadas, de modo a minimizar eventuais consequências negativas. Por outro lado, as elevadas temperaturas permitiram antecipar a expectativa da data de colheita, que se previa para o princípio de outubro, prevendo-se nesta altura que possam iniciar-se entre 15 e 20 de setembro. Na cultura do arroz as elevadas temperaturas diurnas ocorridas na fase de vingamento provocaram abortamento de flores. Por outro lado, ocorreram temperaturas noturnas muito baixas, tendo-se registado valores na ordem de 12°C. Apesar de nos arrozais a água funcionar como regulador térmico, as elevadas amplitudes térmicas diárias que se registaram neste mês não foram benéficas para o seu desenvolvimento. Na cultura de tomate para indústria o impacto das elevadas temperaturas e o seu efeito em termos de escaldão foi pouco significativo, pelo que não se demonstrou muito preocupante.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações desta região.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nas vinhas para vinho, em geral registaram-se boas condições fitossanitárias. Com todas as castas no estado de maturação das uvas, deixou de ser necessário efetuar tratamentos para o míldio e oídio, pois nessa fase do ciclo da cultura é residual o surgimento de doenças criptogâmicas. Na proteção das vinhas contra pragas, nesta fase do ciclo vegetativo já próximo da vindima, a exigência na seleção dos produtos a aplicar e com os intervalos de segurança é mais apertada. Foi dada especial atenção ao controlo da cigarrinha verde e foram recomendados tratamentos para a terceira geração da traça da uva (*Lobesia botrana*), nos locais com histórico ou onde se registaram capturas na primeira quinzena do mês, as quais, no entanto foram baixas e não causaram estragos significativos nos cachos. As vinhas para uva de mesa continuaram a apresentar boas condições fitossanitárias, com baixa pressão de doenças e pragas. Apenas foi identificada a presença de cicadela (duas gerações), não muito agressiva, tendo os tratamentos revelado eficácia.

Nas pomóideas, o fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*), à semelhança do mês anterior, foi o maior problema fitossanitário, mantendo uma intensidade muito forte na fase final do ciclo produtivo, principalmente nos pomares de pera Rocha, embora os de maçã também tenham apresentado maior incidência do que nos anos anteriores. As sucessivas podas sanitárias realizadas para eliminação dos sintomas da doença, que este ano se manifestou deste o período da floração até à colheita e de forma disseminada por toda a região, causaram uma redução significativa do potencial de produção dos pomares de pera Rocha, condicionando de forma decisiva a produção desta campanha.

Em pomares novos com sintomas da doença houve mesmo necessidade de proceder a arranques. Pela primeira vez o fogo bacteriano interferiu com algum significado na produção de maçã Gala. Após terminarem as colheitas serão realizadas novas podas sanitárias nos pomares para limpeza de sintomas de fogo bacteriano, de modo a minimizar o inócuo. A incidência de estenfiliose (*Stemphylium vesicarium*) nos pomares de pera Rocha apresentou uma intensidade superior ao previsto, mas muito inferior ao verificado no ano anterior, tendo, no entanto, causado alguma perda de produção. Ainda nos pomares de pera, esporadicamente houve ataques de bichado e mosca do mediterrâneo, mas pouco significativos. Ao longo do ciclo a psila apresentou uma incidência mais baixa no que no ano anterior. Nas maçãs surgiram pulgão lanígero e ácaros, designadamente o aranhaço vermelho. Na colheita foi detetada alguma presença de bichado.

Nos citrinos, em concreto nos pomares de limão, verificaram-se ataques de pulgão lanígero e de ácaros, que foram eficazmente controlados.

Nos olivais não se justificou a realização de tratamentos, já que, de um modo geral, apresentaram um bom estado fitossanitário. Foram exceção algumas parcelas com disponibilidade hídrica e microclima mais ameno, onde se registaram ligeiros ataques de mosca da azeitona, mas sem ter sido atingido o nível económico de ataque.

Na cultura do milho de sequeiro e de regadio não surgiram problemas fitossanitários significativos. Foi identificada a presença de javalis, mas sem estragos consideráveis.

A cultura do arroz apresentava um bom estado fitossanitário. Verificou-se uma forte presença de infestantes, principalmente milhãs, erva-fina (*Leptochloa* spp.) e algum arroz bravo, que foram controladas com eficácia. Manteve-se a presença de javalis na cultura, mas ainda sem estragos relevantes.

Na cultura do feijão para seco a situação fitossanitária manteve-se boa.

Na cultura de tomate para a indústria continuaram a verificar-se focos de fusariose, provocando o amarelecimento e a perda de plantas. As pragas mantiveram uma intensidade baixa, inclusivé a *Tuta absoluta*. A presença de lagartas, identificada no mês anterior, foi eficazmente controlada.

Na cultura do girassol não foram identificados problemas fitossanitários. Foram relatados estragos nas searas causados pela presença de javalis.

Na cultura da batata de regadio, em geral registaram-se boas condições fitossanitárias. No entanto, manteve-se a incidência e dispersão do ácaro branco (*Polyphagotarsonemus latus*) devido à manutenção de temperaturas elevadas associadas a vento forte. Na presente campanha a praga foi especialmente notada devido ao atraso na instalação da cultura, permitindo que as condições favoráveis para a sua presença ocorressem numa fase precoce do ciclo. Devido às amplitudes térmicas mais acentuadas em alguns dias do mês, ocorreu alguma incidência de alternaria que contribuiu para a redução da área foliar. Verificaram-se alguns focos de traça da batateira, que nos casos mais extremos provocaram pontualmente alguma perda de produção, mas os estragos em geral não foram significativos. Ocorreram alguns focos de podridão mole, devido a lesões da parte aérea das plantas junto ao solo, causadas pelo vento.

Nas hortícolas de ar livre, a intensidade de doenças e pragas foi baixa, tendo sido eficazmente controladas.

Nas hortícolas em estufa, na cultura do tomate, verificaram-se ataques de intensidade média de mosca branca e de *Tuta absoluta*. Na cultura da courgette, verificaram-se focos de oídio com baixa intensidade. Os tratamentos revelaram-se eficazes. Não houve ocorrência de prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nas vinhas para vinho, durante o mês não foram detetadas pragas com significado relevante. O tratamento preventivo para a cigarrinha verde foi eficaz, não se registando mais observações. O tempo quente contribuiu para uma menor pressão de pragas na cultura.

Nos olivais, o clima quente e seco da região contribuiu para um excelente estado fitossanitário das oliveiras. Foram raros os casos em que se revelou necessário recorrer a estratégias de prevenção ou controlo de pragas e doenças.

Relativamente às figueiras, nesta fase de desenvolvimento dos figos não foram identificadas pragas ou doenças com relevância.

Nas amendoeiras, as condições de calor intenso e tempo seco registadas ao longo do mês, promoveram o desenvolvimento de ácaros (vários tipos de aranhaços), observando-se a sua presença na grande maioria dos pomares. No entanto, face à proximidade da colheita não se justificou a necessidade de tratamentos fitossanitários.

Nas nogueiras, as temperaturas elevadas contribuíram para o controlo eficaz das doenças, não se registando ocorrências relevantes. Quanto às pragas, os ataques de piolho observados em alguns pomares no mês anterior encontravam-se sob controlo.

Nos pomares de limão, continuou a verificar-se a presença de pragas, nomeadamente a cochonilha de pinta vermelha (*Aonidiella aurantii*) e a cochonilha-algodão (*Planococcus citri* (Risso)), esta última com maior predominância. Foram aplicados novos tratamentos fitossanitários e, no final do mês, constatou-se que ambas as pragas estavam controladas.

No milho de regadio, observaram-se ataques de ácaros, com destaque para o aranhaço vermelho (*Panonychus ulmi*), surgindo com alguma intensidade. Em algumas

zonas das searas observaram-se sintomas associados ao vírus do nanismo do milho (MRDV).

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho, no início do mês, foram observadas pontualmente posturas e perfurações nos cachos, provocadas pela terceira geração da traça da uva. Nas vinhas com a vindima prevista para mais tarde foram realizados tratamentos. Em muitos pontos de monitorização também houve contagens muito elevadas de ninfas de cigarrinha verde, tendo sido realizados tratamentos ao ser atingido o nível económico de ataque, os quais por vezes foram efetuados em simultâneo com ações de controlo da traça da uva.

Nos citrinos, em especial nos pomares de laranja, mantiveram-se alguns ataques de ácaros no início do mês, tendo sido eficazmente combatidos.

No amendoal, verificou-se um aumento da população de aranhaço amarelo.

Nas nogueiras, os ataques de piolho observados em alguns pomares no mês anterior encontravam-se controlados.

Nos olivais intensivos, devido à presença elevada de mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*), foram realizados tratamentos em meados do mês. Os tratamentos foram eficazes e as posturas realizadas terão sido inviáveis devido às temperaturas elevadas, pelo que não se verificava ainda muita azeitona picada.

No milho, além do vírus do nanismo (MRDV), constatou-se o aumento da população de aranhaço amarelo. Continuaram a verificar-se estragos na cultura provocados por javalis.

No arroz, surgiram focos de piriculariose (*Pyricularia oryzae*) com baixa incidência. Houve uma forte presença de milhãs (*Echinochloa spp.*), tendo as mesmas apresentado uma forte resistência aos tratamentos. Houve ainda presença de outras infestantes,

designadamente arroz bravo. Continuaram a verificar-se estragos na cultura provocados por javalis.

O tomate para indústria apresentava um bom estado fitossanitário favorecido pelas condições climáticas. A pressão da *Tuta absoluta* e de ácaros manteve-se inferior ao habitual para este período do ano.

Grande Lisboa

Nas vinhas de uva para vinho houve registo de alguma cigarrinha verde e de traça-dos-cachos (*Cryptoblabes gnidiella*), para as quais continuaram a ser feitos os devidos tratamentos e, por tal, a situação dar-se por controlada durante o mês. Nas vinhas de uva de mesa, no final do mês sentiram-se fortes ataques de mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) que afeta os cachos de uvas, sendo uma praga emergente na vinha, que deposita os seus ovos nos bagos. As larvas que eclodem alimentam-se da polpa, tornando os frutos não comercializáveis, pelo que se teme perda de produtividade e minoração da qualidade dos cachos. O controlo desta praga é crucial, prevendo-se a sua realização no início de setembro, e envolve o uso de armadilhas de monitorização, a aplicação de iscos tóxicos e o uso de métodos de controlo cultural. Nesta cultura também houve registo de cicadelídeos, cujos danos se manifestam nas folhas, reduzindo a fotossíntese e comprometendo a produção; não obstante, esta praga não se revelou muito preocupante, pois a situação está sob controlo.

Nas pomóideas, mais concretamente aquando da colheita das maçãs, foram verificados danos causados pela presença de bichado (*Cydia pomonella*, *funebrana* e *molesta*) para o qual tinham sido adotados os devidos procedimentos de combate, mas que se mostraram ineficazes. Tal como referido no relatório anterior, houve grande apreensão para com o fogo bacteriano, o que tem vindo a ser uma crescente preocupação na presente campanha, particularmente no concelho de Mafra. Para a doença têm sido adotadas as medidas instituídas, como a poda sanitária.

Nos citrinos, concretamente nos pomares de limão do concelho de Mafra, a traça do limoeiro (*Prays citri*) continuou a provocar estragos nos frutos, causando danos significativos na produção. A eficácia dos tratamentos foi prejudicada pelas elevadas populações existentes e pelos diferentes estádios (ovos e larvas).

No olival houve registo de um ténue ataque de mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*), que após postura dos ovos nas azeitonas de maior calibre a larva eclode e desenvolve-se no interior do fruto, alimentando-se da sua polpa. Para tal praga haviam sido adotadas estratégias de controlo preventivas e dissuasoras sendo necessário, em casos mais graves, recorrer à aplicação de produtos fitossanitários.

Nas searas de milho a invasão de javalis é considerada uma praga, que não só comem as plantas e estragam por espezinhamento, mas porque também são veiculadores de infestantes, como é o caso da figueira-do-inferno (*Datura stramonium*), cuja presença num lote de milho colhido leva à sua rejeição por parte da indústria, pois é prejudicial à saúde de animais e humanos devido aos alcalóides presentes em todas as suas partes. Também se fez notar a forte proliferação do vírus do nanismo pela cigarrinha-do-milho (*Dalbulus maidis*), situação que se agravou com a interdição de substâncias ativas na composição de inseticidas para controlo do vetor da doença. A grande presença de ácaros, considerada praga, também trouxe uma grande apreensão, pois promovem grandes quebras de produção devido à sua capacidade inibitória de fotossíntese das plantas, quer a nível da parte vegetativa quer do fruto, prejudicando o milho ao se alimentarem da seiva das folhas, causando amarelecimento, pontos e até queda prematura das folhas.

Nos arrozais registou-se uma forte incidência de milhãs, umas com as espigas maduras e outras com a folha verde no meio dos arrozais, mas para as quais se decidiu ser extemporâneo a aplicação de herbicidas, pois correr-se-ia o risco de prejudicar as searas.

Os javalis também têm sido uma praga muito destrutiva nas beiras dos canteiros de arroz.

No tomate para indústria, constataram-se alguns focos de ácaros, mosca branca e traça do tomateiro ou *Tuta absoluta*, para os quais foram realizados os devidos tratamentos. No que concerne a infestantes, em algumas plantações houve forte incidência de erva tomateira (*Solanum nigrum*) que afeta o tomateiro não só por ser hospedeira de pragas como a *Tuta absoluta* e doenças virais, como também compete com a cultura por recursos como água, luz e nutrientes. Outra situação que se revelou muito preocupante foi a proliferação de rabo de raposa (*Orobancha ramosa*), que é uma das infestantes mais difíceis de controlar devido à extensa fase subterrânea ligada ao tomateiro, seguida de emergência tardia do caule florífero à superfície do solo; possui sementes duradouras e mecanismos complexos de germinação e dispersão. Para estas infestantes foram aplicados herbicidas, já sem uma das substâncias ativas por ter sido desautorizada, a qual se tinha revelado muito eficaz em campanhas anteriores.

Península de Setúbal

Na vinha, a cigarrinha verde esteve bastante presente, mas em geral sem a sintomatologia e gravidade de outros anos. Os tratamentos fitossanitários de controlo das populações serão retomados após as vindimas, de modo a permitir que a folhagem mantenha o estado sanitário e permita a acumulação de reservas na planta, necessárias ao estado de dormência que se segue. Os focos de mildio em geral foram dispersos e sem ataques generalizados, não se revelando muito problemáticos.

Nas pomóideas, concretamente na pereira, devido à grande incidência de fogo bacteriano verificada nalgumas áreas ao longo da campanha, as limpezas sanitárias de ramos serão retomadas após a colheita.

No amendoal, o fungo moniliose e as pragas de ácaros, sobretudo aranhaço vermelho, foram controlados com os devidos tratamentos fitossanitários. A presença de

cidadelídeos desde o início do ciclo da cultura não provocou grandes danos.

Na cultura do milho, continuou a verificar-se incidência do vírus do nanismo, com consequências na produção devido à não formação da espiga. Os ataques da lagarta desfolhadora (*Spodoptera*) foram controlados e não se revelaram anormais. A presença de javalis foi superior à da campanha anterior, sendo que nesta fase de formação do grão os danos causados constituem um grande problema.

Na cultura de arroz não se verificaram problemas assinaláveis a nível de pragas e doenças, que tenham provocado danos na cultura. Relativamente a infestantes, a situação agravou-se, verificando-se a existência de muitas milhãs, em maior quantidade que na campanha anterior. O seu combate constitui um problema, considerando a falta de eficácia das substâncias ativas existentes no mercado para o seu controlo. Os javalis são também um problema nesta cultura, danificando os sistemas de abastecimento de água e, nesta fase, espezinhando e fazendo tombar o arroz nos canteiros. Na fase de enchimento do grão a preocupação será ainda maior, pela destruição previsível da planta inteira, com consequentes prejuízos na rentabilidade da cultura.

Na cultura de tomate para indústria e relativamente às doenças referenciadas anteriormente, continuou a verificar-se a incidência do fungo do solo *Fusarium* em algumas parcelas, com consequências na produção. O ácaro do bronzeamento desenvolveu-se em força durante este período. Os ataques de *Tuta absoluta* começaram a causar problemas, sendo que o seu efeito será maior nas colheitas mais tardias. Continua a verificar-se a incidência dos javalis, com ataques aos sistemas de rega e consequentes danos nos equipamentos.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, com o tempo seco e quente, as pastagens (de sequeiro e em geral espontâneas) mantiveram-se secas e com pouca disponibilidade de alimento para os animais em pastoreio direto, tendo sido a alimentação suplementada com alimento natural conservado. As espécies pecuárias estabuladas mantiveram condições de alimentação muito semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado. Mas, como já referenciado anteriormente, o equilíbrio nutricional dos animais exigiu ajustamentos na formulação da ração industrial, com maior teor proteico, para compensar o menor valor nutritivo das forragens colhidas no presente ano. No entanto, devido à descida do preço da soja, a ração ficou apenas ligeiramente mais cara, causando um impacto económico inferior ao previsto.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro apresentavam-se com as plantas totalmente secas e consumidas pelos animais. Como medida de proteção dos solos, o pastoreio direto tem sido cuidadosamente gerido, de forma a preservar alguma cobertura vegetal.

Nos prados de regadio, as plantas em resposta às noites um pouco mais longas, denotavam um crescimento mais rápido. Da sua composição florística, verificavam-se os trevos em flor e o azevém com um bom desenvolvimento vegetativo (folhas).

As consociações forrageiras anuais de sequeiro encontravam-se com o restolho consumido pelas espécies pecuárias. Ainda não ocorreram novas sementeiras.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo, encontravam-se animais em pastoreio nas pastagens de regadio e outros com regime alimentar à base de forragens conservadas, com uma grande importância da fenossilagem. Na fase da recria, os animais mantiveram-se a consumir fenossilagem e alimento concentrado. Em comparação com o ano anterior, estava a ser fornecida a mesma quantidade de alimento concentrado na fase de recria. No entanto, verificou-se um aumento no consumo de fenossilagem relativamente ao mesmo período do ano passado. Este acréscimo deve-se à maior disponibilidade deste alimento, resultado da boa produção de forragens.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as pastagens permanentes de sequeiro mantinham-se secas e algumas já sem pasto disponível.

Continuou a verificar-se uma grande abundância de fenos e palhas em *stock*, superior ao ano passado, para consumo das espécies pecuárias em regime extensivo, sem necessidade de complementar a alimentação. Os animais estavam ainda a alimentar-se nas tapadas destinadas a pastoreio direto, incluindo restolhos.

Na **Grande Lisboa**, no final do mês as pastagens de sequeiro encontravam-se secas, com os ciclos vegetativos fechados, situação que é normal para a época. As pastagens de regadio encontravam-se em bom estado vegetativo.

Verificou-se uma grande disponibilidade de feno, palha e fenossilagem para a alimentação das espécies pecuárias, prevendo-se suplementação alimentar com rações industriais para o mês de setembro.

Na **Península de Setúbal** o coberto vegetal encontrava-se muito seco no final do mês. Conforme referido no relatório anterior, os cortes para feno, silagem e fenossilagem em geral ficaram então concluídos, sendo a quantidade colhida superior à da campanha anterior e a qualidade, em geral, também superior.

Na região, iniciaram-se os cortes de milho para silagem. À semelhança do mês passado, em geral os prados apresentavam ainda disponibilidade de alimento, situação que não é habitual nesta altura e que se revelou também mais favorável que a do ano transato. Nalgumas zonas com condições propícias ao crescimento do coberto vegetal e com recurso a rotação dos terrenos pastoreados, continuou a ser possível a alimentação animal natural. No geral o recurso a suplementação com conservados e rações industriais foi inferior à da campanha anterior.



Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

No **Oeste**, a colheita de cereais praganosos ficou concluída a meio do mês, confirmando-se não ter sido um ano bom para estas culturas. No trigo, a produtividade foi ligeiramente menor do que no ano anterior e a qualidade inferior a um ano normal devido ao baixo calibre e baixo peso específico dos grãos. Com fraca qualidade, a produção será encaminhada principalmente para alimentação animal (rações) em detrimento da alimentação humana (panificação), a menor preço, reduzindo a expectativa do rendimento económico da cultura para os produtores. Na cevada, a produtividade foi significativamente menor do que no ano anterior e a qualidade, à semelhança do trigo, inferior a um ano normal, com baixo calibre e baixo peso específico dos grãos, diminuindo igualmente a expectativa económica dos produtores relativamente à cultura. Na aveia, a produtividade foi inferior a um ano normal e a qualidade semelhante ao ano anterior. Devido ao baixo rendimento económico proporcionado pelos cereais praganosos de outono-inverno, estas culturas no Oeste têm sido substituídas por outras mais rentáveis, sendo bastante residual o seu peso atualmente na economia agrícola da região.

No **Médio Tejo**, os cereais praganosos encontravam-se com a colheita terminada. Face ao ano anterior, a produtividade do trigo diminuiu, mantendo-se constante nos restantes cereais. A maioria dos grãos apresentou boa qualidade, sendo adequados para panificação e para a produção de malte (no caso da cevada dística). No entanto, no trigo mole observaram-se grãos com baixo peso específico, o que levou a que parte da produção fosse destinada à alimentação animal (ração).

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as colheitas ficaram concluídas no final de julho. Na cultura do trigo, a produtividade foi inferior à do ano anterior e a qualidade fraca. Os grãos apresentaram pouco peso específico. Na cevada a produtividade foi idêntica à do ano anterior.

Na **Grande Lisboa** realizou-se a debulha dos cereais, que consiste no processo agrícola de separar os grãos da espiga ou da palha, um passo essencial após a colheita. Verificou-se uma produção, em geral, inferior à da campanha anterior. Este facto atribui-se essencialmente à falta de horas de frio que afetou o afilhamento das gramíneas. De um modo geral, a qualidade dos cereais de outono-inverno foi idêntica à do ano anterior, dentro do expectável, mas com trigos de menor valor nutricional devido ao ano ter sido muito chuvoso. Os preços pagos ao produtor continuam muito baixos, contribuindo para o desincentivo e abandono da prática destas culturas.

Na **Península de Setúbal** mantém-se o referido no mês de julho: *"foi efetuada a colheita do trigo mole no final do mês, com boa qualidade e com produtividade idêntica ao ano anterior. A colheita do tritcale, iniciada no final de junho ficou concluída no final deste mês, com aumento de produtividade relativamente à campanha anterior. A colheita da cevada (dística) foi efetuada em meados do mês. O grão não obteve a qualidade e o calibre necessário com vista à indústria para malte, por a cultura ter sido semeada muito tarde, pelo que o grão teve como destino a alimentação animal."*



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinha

No Oeste, a maior parte das castas encontravam-se em plena maturação. Com as temperaturas elevadas e com menor quantidade de produção nas videiras, as uvas amadureceram rapidamente. No final do mês, na maior parte das vinhas os valores de controlo de maturação das uvas apresentavam-se semelhantes ao observado em igual período do ano anterior. No entanto, algumas vinhas de castas tintas registavam valores de controlo de maturação mais elevados, encontrando-se adiantadas no ciclo entre uma semana a uma semana e meia em relação à média dos últimos anos e algumas vinhas da casta Arinto apresentavam um atraso de uma a duas semanas. Algumas adegas darão início à vindima nos primeiros dias de setembro e outras mais a meio do mês. Dentro do habitual escalonamento de datas de receção das uvas nas adegas, as castas brancas serão as primeiras a ser colhidas. Com a situação fitossanitária bem controlada nas vinhas e com a precipitação ocorrida no final do mês, embora fraca garante alguma humidade aos solos, prevendo-se um ano bastante razoável em termos de qualidade da uva. Devido à menor carga de uva nas videiras e a alguma perda de produção causada pelo míldio, mantém-se a perspetiva de descida de produção com algum significado, relativamente ao ano anterior. As vinhas para uva de mesa apresentavam um bom estado vegetativo, devido às condições climáticas favoráveis e à baixa pressão de doenças e pragas. No final do mês a maior parte das variedades encontravam-se em colheita. Apenas as mais tardias, Dona Maria e Red Globe, não tinham sido iniciadas. Em geral, a produção apresentava boa qualidade. Estima-se uma descida da produção global relativamente ao ano anterior associada a uma redução da área de produção e a uma

menor produtividade da área existente (menor produção de cachos por videira e perda de produção provocada pela elevada incidência de míldio).

No Médio Tejo, as vinhas destinadas à produção de vinho encontravam-se, de forma geral, na fase N – Maturação. Esta fase da cultura evoluiu de forma rápida e homogênea ao longo do mês, verificando-se o início da vindima na região em meados de agosto. Em termos quantitativos, contrariamente às previsões iniciais, estima-se agora uma quebra na produtividade em relação ao ano anterior e abaixo do esperado para um ano normal. É mantida a previsão de uma melhor qualidade face ao ano anterior. A maioria das vinhas de uva de mesa encontrava-se em fase de vindima. No final do mês, a variedade Cardinal já tinha sido totalmente colhida, ao passo que a vindima da variedade Dona Maria estava ainda em curso. Os frutos denotavam uma boa qualidade. É prevista uma menor produtividade comparativamente ao ano anterior, em consequência dos problemas fitossanitários ocorridos na cultura (em especial o míldio).

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, todas as castas encontravam-se em plena maturação. A vindima das castas de uva branca iniciou-se nos primeiros dias de agosto. A das castas de uva tinta será iniciada no princípio de setembro. No final do mês estimava-se uma produtividade inferior comparativamente ao ano anterior, esperando-se uma colheita com uva de boa qualidade. As vinhas para uva de mesa apresentavam um bom estado vegetativo devido às condições climáticas favoráveis e à baixa pressão de doenças e pragas. No final do mês a maior parte das variedades encontravam-se em colheita. Apenas as mais tardias, Dona Maria e Red Globe, não tinham sido iniciadas. Estima-se uma descida de produtividade devido aos efeitos climáticos (menor produção de cachos) e problemas fitossanitários (míldio) que afetaram a cultura. Em geral, a produção apresentava boa qualidade.

Na Grande Lisboa a maior parte das variedades de uva para vinho encontravam-se no início do estado fenológico N – Maturação, prevendo-se o começo da vindima na primeira semana de setembro pelas castas mais precoces (como a Fernão Pires, Müller-Thurgau e Alicante Bouschet), seguindo-se as castas mais tardias (nomeadamente Castelão). Aponta-se para a primeira semana de outubro o final da colheita. Prevê-se uma produtividade inferior relativamente ao ano transato devido às doenças referidas em relatórios anteriores – fortes ataques de míldio, esporádicos ataques de oídio, focos de podridão e ao escaldão que se fez sentir no mês de junho. É expectável uma boa qualidade. Relativamente à uva de mesa, foi iniciada a vindima da maioria das variedades (Cardinal, Red Globe, Palieri, Crimson Seedless, Arra 30 e Arra 15), prevendo-se para setembro a vindima das variedades mais tardias (como a Dona Maria). Perspetiva-se uma perda de produtividade relativamente ao ano anterior, sobretudo devido aos fortes ataques de míldio e ao escaldão nas castas mais sensíveis que ocorreram durante o mês de junho. Relativamente à qualidade, esta é considerada muito boa, apresentando-se os cachos sem podridões nem bagos secos.

Na Península de Setúbal, em geral a vindima de uva para vinho iniciou-se a partir de meados do mês, sobretudo a partir de dia 18, com as castas brancas, prevendo-se que decorra até início ou meados de outubro. A vindima está a correr de modo faseado e com interrupções devido a evolução lenta na maturação da uva. A entrega das uvas nas adegas estava a decorrer bem. A qualidade sanitária da uva colhida era boa, sem evidências de ataques de podridão ou de traça e com graus dentro do normal, dependendo das castas. Pelas razões já referidas de decréscimo de formação de cachos, muito representativo nomeadamente nas castas Castelão e Fernão Pires, mantém-se a perspetiva de decréscimo de produção relativamente à campanha anterior (que já foi muito penalizadora) e a um ano normal.

Pomóideas

No Oeste estava a terminar a colheita de pera Rocha. Estima-se uma produção semelhante ao ano anterior, correspondente a cerca de metade do potencial produtivo da região. O fogo bacteriano, disseminado por toda a região, embora com manifestações mais severas em algumas zonas, foi o principal fator condicionante da produção, tendo-se revelado um dos anos de maior incidência da doença. Surgiu muito forte logo na floração, mais cedo do que habitualmente, e apesar das podas sanitárias, foi recorrente o aparecimento de novos focos com intensidade elevada mesmo até à fase final do ciclo da cultura, levando a continuas podas sanitárias que provocaram uma redução muito significativa da área produtiva dos pomares e grandes perdas de produção. A estenfiliose também provocou alguma perda de produção, mas não foi muito significativa. As temperaturas elevadas na última semana de julho e na primeira quinzena de agosto causaram paragem no crescimento dos frutos, acentuando a situação dos calibres que em geral foram baixos, inferiores ao ano anterior, fator de desvalorização comercial do produto. Nos restantes parâmetros os frutos apresentavam boa qualidade. As maçãs do grupo Gala encontravam-se em plena colheita. As restantes variedades (Golden, Fuji, Reineta e RegalYou) apresentavam-se no estado fenológico J – Frutos em Desenvolvimento. Baixou a expectativa de produção de maçã Gala, a mais representativa da região, relativamente à previsão anterior, estimando-se uma produção semelhante ao ano precedente. Mantém-se a previsão de uma ligeira diminuição na Fuji e na Golden um ligeiro aumento na Reineta e um aumento mais significativo na RegalYou. Em termos globais estima-se uma produção semelhante ao ano anterior, sendo ligeiramente inferior a um ano normal. O fogo bacteriano este ano teve maior visibilidade nos pomares de maçã e pela primeira vez interferiu com algum significado na produção, causando perda nas variedades do grupo Gala. Nesta variedade também houve perda de produção causada por escaldão interno dos frutos devido às

temperaturas muito elevadas. Os calibres baixos dos frutos, inferiores a um ano normal, influenciados pelas temperaturas muito elevadas, também tiveram um impacto negativo na produção. Além dos calibres inferiores, de uma menor coloração devido às elevadas temperaturas noturnas e de alguma carepa, fatores negativos na valorização comercial da produção, os frutos apresentavam boa qualidade.

Na Grande Lisboa, os pomares ostentavam frutos maduros, tendo decorrido a colheita. Nas maçãs, em particular, a variedade Gala ficou toda colhida e a variedade Fuji está em desenvolvimento do fruto. Estima-se uma redução da qualidade da produção e da sua produtividade, situação devida não só às elevadas temperaturas que inibiram de forma irreversível o crescimento dos frutos, contribuindo assim para frutos de menores calibres, e ainda devida aos problemas fitossanitários que melhor se referem no respetivo capítulo do presente relatório e que têm vindo a ser referenciados ao longo da campanha.

Na Península de Setúbal continuou a realizar-se a colheita de variedades de maçã e iniciou-se a da pera. Até ao final do mês a maior parte da produção foi colhida. No caso da maçã, a qualidade foi média/boa, em geral pior que a da campanha anterior devido a escaldão (tipo cozedura interior do fruto) provocado por elevadas temperaturas durante dias consecutivos. A pera colhida apresentava boa qualidade. Os calibres foram ligeiramente mais baixos que na campanha anterior, principalmente no caso da maçã. Prevê-se produtividade ligeiramente mais baixa relativamente à campanha anterior na maçã e na pera também um decréscimo, devido à diminuição do potencial produtivo resultante da realização de podas sanitárias, para evitar a propagação do fogo bacteriano.

Prunóideas

No Oeste, as ameixas e os pêssegos encontravam-se colhidos. Os frutos apresentaram bons calibres e boa qualidade. A produtividade da ameixa foi semelhante ao

ano anterior e a do pêssego foi ligeiramente menor. A produção de pêssego diminuiu significativamente nos últimos anos, tornando-se marginal na produção da região. Devido a problemas fitossanitários favorecidos pelas condições climáticas, designadamente os níveis de humidade elevados que caracterizam a região, a cultura tornou-se difícil e dispendiosa, tendo-se vindo a assistir ao abandono das áreas mais pequenas e arranque de pomares para substituição por pereiras e macieiras.

Na Grande Lisboa, as ameixas terminaram a sua colheita em julho. As condições climáticas do presente ano não foram favoráveis à qualidade dos frutos: aquando da floração em março houve muita chuva e pouca luminosidade e, por isso, a atividade dos polinizadores foi muito reduzida, o que provocou frutos malformados, queda prematura de frutos e calibres muito pequenos. Na última semana de maio o tempo esteve muito quente e inibiu o crescimento dos frutos, que ficaram sem a cor e o sabor desejáveis. Estes fatores influenciaram não só a qualidade, mas também a produtividade que se estima menor do que no ano anterior.

Na Península de Setúbal, mantém-se o referido no relatório de julho: *“nas ameixeiras estima-se uma produção muito baixa devido às condições climáticas ocorridas anteriormente, que prejudicaram muito a floração.”*

Cítrinos

No Oeste, os pomares de limão apresentavam frutos em crescimento, que serão colhidos em novembro e dezembro. A quantidade de frutos por árvore situava-se entre razoável e boa. Apesar das elevadas temperaturas que se verificaram durante dias consecutivos, principalmente na primeira metade do mês, os frutos não foram muito afetados por escaldão solar. Pode-se considerar um ano normal em termos de quantidade e de qualidade da produção.

No Médio Tejo, os pomares de limão apresentavam-se em bom estado e com um desenvolvimento vegetativo regular. Os frutos encontravam-se na fase J - Crescimento dos Frutos, e já se observava o aparecimento de novos rebentos.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a maior parte dos pomares de laranja apresentavam um razoável estado vegetativo e frutos em crescimento. No entanto, em alguns pomares instalados em solos mais arenosos, o *stress* hídrico provocou algum amarelecimento nas árvores. Nas variedades Dalmau e Newhall, com a colheita prevista para outubro e novembro, é prematuro estimar a produtividade. No entanto, prevê-se que seja menor do que no ano anterior, atendendo às condições climáticas adversas ocorridas durante o ciclo vegetativo, que levaram ao fraco vingamento e à queda de frutos.

Na Grande Lisboa, os limoeiros encontravam-se no estado fenológico de desenvolvimento de frutos, verificando-se também frutos maduros. Estima-se uma menor produtividade relativamente ao ano anterior e uma produção de menor qualidade devido a frutos de baixo calibre e com roçamentos e manchas causadas por fungos durante a primavera.

Na Península de Setúbal os limoeiros encontravam-se com os frutos em crescimento, prevendo-se a próxima colheita em início de outubro.

Amendoal

No Médio Tejo, as amendoeiras já apresentavam os frutos maduros, com a colheita prevista para o início de setembro. Nesta fase que antecede a colheita, estima-se uma produtividade equivalente à verificada no ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de amêndoa encontravam-se na fase final do ciclo vegetativo, tendo já sido iniciada a colheita em algumas variedades mais precoces. Foram identificados problemas de enchimento e de germinação do miolo, o

que poderá vir a deteriorar o valor comercial da produção e obrigar ao seu encaminhamento para destinos menos exigentes. A perspetiva de produtividade melhorou relativamente ao mês anterior prevendo-se que seja idêntica ao ano transato.

Na Península de Setúbal, os frutos estavam na fase final de maturação e apresentavam boa qualidade. Prevê-se que a colheita seja iniciada na primeira semana de setembro e que seja obtida uma produção superior à da campanha anterior.

Nogueiral

No Médio Tejo, as nogueiras apresentavam um bom estado vegetativo, com os frutos a finalizar o enchimento e em início de maturação. Os tratamentos fitossanitários e as adubações encontravam-se concluídos. Em meados de setembro, prevê-se uma redução gradual da rega permitindo que os ramos novos lenhifiquem adequadamente e aumentem a sua resistência às geadas de inverno. A colheita deverá iniciar-se em outubro.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de nogueiras apresentavam um bom estado vegetativo, encontrando-se os frutos a finalizar o enchimento do miolo e a iniciar a maturação. Tinham terminado os tratamentos fitossanitários e adubações. Prevê-se a redução gradual da rega a partir da segunda metade de setembro, o que permitirá a fortificação dos ramos novos e, consequentemente, maior resistência às geadas de inverno. A colheita deverá iniciar-se em outubro. Ainda não foi possível uma estimativa da produtividade.

Olival

No Oeste, com as temperaturas elevadas, diurnas e noturnas, e com o tempo seco, verificou-se uma diminuição significativa da atividade fotossintética das oliveiras. Alguns olivais presentes em solos delgados e pouco profundos, começaram a apresentar *stress* hídrico, que provocou coloração e queda de folhas e, em casos extremos, desidratação e queda de frutos.

O estado fenológico dos olivais era de frutos em desenvolvimento, mas a desenvolverem-se a um ritmo muito lento e com níveis de polpa baixos. No ciclo da cultura foram-se acumulando fatores condicionantes do potencial produtivo, designadamente menor vingamento de frutos, queda de frutos por escaldão (julho) e alguma queda pontual de frutos desidratados (agosto). Com a baixa pressão de doenças e pragas, a produção apresentava boa qualidade. Em termos de quantidade estima-se uma produtividade inferior a um ano normal, mas semelhante ao ano anterior e uma qualidade superior devido ao bom estado fitossanitário dos frutos.

No Médio Tejo, os olivais tradicionais com variedades mais precoces começaram, no final de agosto, a apresentar alterações fisiológicas nas azeitonas, indicando o início do processo de maturação. Alguns olivais instalados em solos delgados e pouco profundos começaram a evidenciar sinais de *stress* hídrico. Este manifesta-se pela alteração da coloração das folhas, pela sua queda prematura e, em casos mais severos, pela desidratação dos frutos, levando à sua perda. É mantida a perspetiva de uma menor produção, tendo presente o potencial produtivo que as árvores apresentaram nas fases da floração e vingamento dos frutos (elevado número de cachos florais desprovidos de qualquer fruto vingado). Os olivais intensivos encontravam-se em bom estado vegetativo, com os frutos em crescimento. No geral, tem-se verificado um bom crescimento dos frutos, com uma boa perspetiva em termos quantitativos. Ainda é cedo para indicar uma estimativa em termos qualitativos.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os olivais continuavam em bom estado vegetativo, apresentando frutos com um bom desenvolvimento. Prevê-se a evolução da cultura para a fase de maturação durante o mês de setembro, sobretudo nas variedades mais precoces. Na generalidade dos olivais, estima-se em termos quantitativos, uma produtividade superior ao ano precedente. É ainda muito precoce uma avaliação da qualidade, pois as fases finais de crescimento e maturação dos frutos são muito sensíveis às condições

climáticas e possíveis ataques de pragas e doenças que se venham a verificar.

Na Grande Lisboa, registaram-se vários dias com altas temperaturas, o que provocou alguma queda de frutos por escaldão, com maior incidência nas variedades tardias. Em termos fenológicos, durante as primeiras semanas do mês a maturação foi iniciada principalmente nas variedades mais precoces de olival tradicional de sequeiro, cujas azeitonas apresentavam sintomas de *stress* hídrico. Em olivais intensivos (de regadio), ao longo do mês deu-se o desenvolvimento do fruto, verificando-se no final alguma azeitona em início de maturação, prevendo-se o início da colheita para o final de setembro. Apesar de se perspetivar uma produção abaixo do potencial produtivo previsto no início da floração, estima-se uma produtividade e qualidade superiores às registadas na campanha anterior, uma vez que na generalidade as pragas e doenças têm estado controladas com a aplicação dos devidos tratamentos preventivos. Relativamente ao rendimento da azeitona, perspetiva-se baixo, facto que se deve sobretudo ao interregno de três a quatro semanas no processo de maturação dos frutos, devido às elevadas temperaturas face a um ano dito normal, o que se traduzirá em menos azeite extraído.

Figueiral

No Médio Tejo, os figos vindimos das variedades Pingo de Mel e Preto de Torres Novas estavam no final do mês na fase de maturação escalonada, estando a decorrer a colheita. Houve um ligeiro atraso no início da maturação dos figos (cerca de cinco dias) em relação a um ano normal. Estima-se uma redução na produtividade em relação à campanha anterior. Contudo, a qualidade dos frutos permanece boa. Especificamente, na variedade tradicional de Torres Novas 'figo mulato' ou 'figo de Torres Novas' que normalmente é para secar, a produção estimada é inferior a um ano normal. Esta quebra deve-se a que os pomares são de sequeiro e os crescimentos dos ramos foram menores devido ao excesso de calor no mês de julho.



Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão de bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol; disponibilidade de água para rega

Milho

No Oeste, a cultura de milho de sequeiro para grão mantinha algum atraso, encontrando-se ainda a iniciar a senescência das plantas. A colheita está prevista para o final de setembro, estimando-se uma diminuição da produtividade com algum significado. A falta de chuva em julho e agosto teve um impacto forte no desempenho da cultura, condicionando o desenvolvimento das espigas, que ficaram mais pequenas, e a formação dos grãos, já que as espigas em geral não se encontravam cheias e por vezes com o preenchimento pela metade. As searas de milho forrageiro de regadio apresentavam um desenvolvimento vegetativo bastante vigoroso em resultado da boa disponibilidade de água para rega, bem como das condições de temperatura e luminosidade. As mais adiantadas apresentavam espigas em grão leitoso e as mais atrasadas estavam na fase de formação da espiga. Prevê-se o início da colheita para o fim de setembro ou início de outubro, estimando-se uma produtividade superior à do ano precedente. Embora não tenham sido identificadas restrições de água para rega, houve necessidade de uma gestão rigorosa da água disponível para satisfazer as elevadas exigências hídricas da cultura.

No Médio Tejo, as primeiras sementeiras, encontravam-se com as plantas na fase de maturação do grão (ponto negro), enquanto as mais tardias se encontravam em floração. As searas mais avançadas já não estavam a ser regadas. O início da colheita está previsto para o final de setembro. A produtividade prevê-se ser ligeiramente inferior à do ano anterior, devido às temperaturas elevadas registadas em agosto, que aceleraram a floração do milho e afetaram negativamente o desenvolvimento das espigas. No entanto, não foi ainda possível apresentar uma estimativa da variação da

produtividade. Existiu disponibilidade de água subterrânea para rega, embora se tenha verificado uma descida dos níveis freáticos. A rega com recurso a águas superficiais do rio Tejo enfrentou dificuldades de regularidade devido à instabilidade dos caudais.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, verificou-se um avanço dos ciclos vegetativos pelo efeito das temperaturas elevadas. As searas mais avançadas encontravam-se nas fases de enchimento e maturação do grão. As mais atrasadas apresentavam-se em plena floração. Não foram identificadas limitações na disponibilidade de água para rega. O início da colheita prevê-se para meados de setembro. Mantém-se a previsão de uma produtividade ligeiramente inferior a um ano normal, mas semelhante ao ano precedente.

Na Grande Lisboa as searas de milho no final do mês tinham um desenvolvimento dentro do expectável, com plantas com cerca de 3m a 3,5m de altura, com maçaroca e início de bago (enchimento do grão), perspetivando-se o início da colheita para meados de setembro e, no caso das sementeiras de ciclo mais curto, para final de outubro ou início de novembro. Devido ao tempo excessivamente quente, houve necessidade de intensificar a rega, com os consequentes custos acrescidos com energia. Teme-se uma redução da produção devido a problemas de nanismo, pelos danos causados pelos javalis, pela imensa presença de ácaros e proliferação de infestantes, situações que melhor se explanam no respetivo capítulo da "Fitossanidade: pragas e doenças" do presente relatório. No que concerne aos preços pagos ao produtor, estes são mais baixos que os praticados em 2024 e não são aliciantes para a prática da cultura, devido sobretudo à concorrência com os produtos importados de países terceiros (nomeadamente Brasil e EUA). Não se registaram faltas de água para rega, que teve de ser intensificada, como já referido.

Na Península de Setúbal, a cultura apresentava-se no final do mês em geral em pós-floração, com espigas formadas e em formação do grão, entre a fase de grão pastoso e formação do dente, com 50 a 75% da linha de leite e aparentemente com boa qualidade. Conforme referido, as elevadas temperaturas permitiram antecipar a data de colheita relativamente ao inicialmente previsto, devendo iniciar-se a partir de meados de setembro ou princípio de outubro e prolongar-se até meados de novembro. Relativamente a perspetivas de produção, aponta-se para que possa ser ligeiramente inferior ou idêntica à da campanha anterior, mas ainda é prematuro referir nesta fase, uma vez que, apesar de aparentemente o grão estar bem formado, será determinante o seu peso obtido, o que só se saberá mais para a frente.

Arroz

No Oeste, os arrozais tiveram um afilamento razoável e apresentavam bom estado vegetativo. As searas mais atrasadas encontravam-se entre a fase de emborrachamento e início de espigamento e as mais adiantadas encontravam-se na fase final do espigamento. No final do mês a cultura apresentava um atraso de cerca de três semanas a um mês relativamente a um ano normal devido à instalação tardia. Com o atraso das sementeiras, o ciclo de desenvolvimento da cultura será mais curto, o que terá um efeito negativo na qualidade e na quantidade da produção esperada, embora seja prematuro avançar com estimativas. Não houve restrições de água para a cultura.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a maior parte da área instalada encontrava-se nas fases de emborrachamento e encanamento. As searas mais adiantadas situavam-se nas fases de enchimento do grão e de grão leitoso, enquanto as mais atrasadas apresentavam plantas com a terceira folha. Devido ao estado de desenvolvimento da cultura, apenas nas searas mais adiantadas é possível estimar a produtividade, que se prevê semelhante ao ano anterior.

Não foram identificadas limitações de disponibilidade de água para a cultura.

Na Grande Lisboa, de um modo geral o mês decorreu favoravelmente, sem grandes amplitudes térmicas e sem grandes nevoeiros matinais como é característico, o que foi bom para a cultura do arroz. No final do mês as sementeiras de abril e maio iniciaram a fase do endurecimento do grão. Prevê-se o início da ceifa destas searas para meados do mês de setembro. Já nas searas mais tardias denota-se o arroz na fase de afilamento e prevê-se a sua ceifa para dezembro.

Nos campos semeados em julho, que nesta campanha se impuseram instalar tardiamente devido à impossibilidade de mobilização dos terrenos que estavam encharcados na primavera, teme-se a falta de luz solar e as baixas temperaturas que possam vir a ocorrer nos meses de outubro e novembro e que, obviamente, irão comprometer a qualidade e rendimento do arroz, quando comparado com um ano dito normal. Este arroz semeado mais tardiamente (já fora do ciclo normal da cultura), poderá também vir a ser prejudicado caso chova nos meses de setembro a outubro, pois nessa altura em que as plantas estarão em plena floração, poderá ocorrer aborto floral e o arroz não espigar. Nesta altura estima-se uma diminuição da produtividade quando comparada com a campanha anterior e a um ano dito normal.

Na Península de Setúbal, a cultura iniciou a fase de espigamento no final do mês, situação que em ano normal teria ocorrido no início do mês de agosto, o que corresponde a cerca de um mês de atraso no desenvolvimento da cultura. A evolução desta fase está a verificar-se muito lentamente, sendo expectável que as temperaturas mais baixas previsíveis para setembro possam ter consequências na formação do grão e consequentemente na produção. Prevê-se que a colheita seja efetuada a partir de final de outubro/início de novembro, com cerca de um mês de atraso relativamente a um ano normal.

Grão de bico

No Oeste, a cultura encontrava-se pronta para colheita, mas esta ainda não tinha sido iniciada. Tratando-se de uma cultura de sequeiro, com o tempo seco e as temperaturas elevadas em julho e agosto, as plantas ficaram sujeitas a *stress* hídrico, prevendo-se uma produtividade bastante menor do que no ano anterior e grãos de calibre baixo.

No Médio Tejo, a colheita da cultura encontrava-se em curso, verificando-se uma boa produtividade. A qualidade dos grãos foi considerada boa.

Na Lezíria do Tejo, a colheita encontrava-se a terminar, estimando-se uma boa produtividade. A qualidade da produção colhida foi boa.

Feijão

No Oeste, as colheitas de feijão para seco encontravam-se quase concluídas. Com a maior parte das searas realizadas em sistema de sequeiro, o tempo quente e seco em julho e agosto teve um impacto negativo na floração e no vingamento e causou *stress* hídrico nas plantas. Estima-se uma produtividade significativamente menor do que no ano anterior. O feijão colhido apresentava um calibre baixo.

No Médio Tejo, nas poucas áreas onde a sementeira foi realizada com sucesso, a colheita já foi concluída.

A qualidade do feijão é fraca, predominando grãos pequenos e com sinais de deterioração. Em termos de quantidade, estima-se uma produtividade inferior à do ano anterior.

Tomate para indústria

No Oeste as searas encontravam-se em bom estado vegetativo, para o qual terá contribuído a baixa presença da *Tuta absoluta*. As mais adiantadas estavam em colheita e as mais atrasadas apresentavam frutos em desenvolvimento. Devido à instalação mais tardia da cultura, a campanha registava um atraso de cerca de três semanas relativamente ao ano anterior. A colheita

foi iniciada na terceira semana do mês, prevendo-se a conclusão no início de outubro. No final do mês encontrava-se colhida cerca de 25% da área instalada. Nas searas mais tardias foi identificada alguma heterogeneidade no desenvolvimento dos frutos, com as plantas a apresentarem tomates vermelhos e outros ainda verdes, presumindo-se que esteja relacionado com as temperaturas elevadas ocorridas em julho e agosto, que terão provocado uma paragem no desenvolvimento dos frutos. Devido ao período de colheita ser mais curto este ano, bem como à grande concentração que se verificou nas plantações, poderá haver, como medida de prevenção, necessidade de antecipar algumas colheitas nas searas ainda em desenvolvimento, para evitar picos de oferta de produção em volume superior à capacidade de laboração da indústria, bem como para evitar a sobrematuração dos frutos no campo. A heterogeneidade no desenvolvimento dos frutos e a necessidade de antecipação de colheitas poderá influenciar a produtividade devido à rejeição no campo de tomate ainda verde. Nas áreas em colheita os frutos apresentavam boa qualidade e a produtividade era semelhante à do ano anterior. Os problemas de podridão apical identificados no mês anterior não tiveram efeito na qualidade do tomate colhido, uma vez que as áreas afetadas foram rejeitadas na colheita.

Nos campos mais atrasados, ainda com frutos em desenvolvimento e mais afetados pelas temperaturas elevadas de julho e agosto, é ainda incerta a produtividade esperada. Não houve constrangimentos de água para rega.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita arrancou no início do mês nas plantações mais adiantadas. Decorreu com baixo ritmo devido às reduzidas áreas instaladas em abril, intensificando-se a partir da segunda quinzena e entrando em plena colheita no final do mês. Apesar dos receios iniciais relativamente à sobreposição nas entregas, devido ao apertado calendário das plantações, a campanha tem decorrido sem dificuldades de escoamento nas unidades de

transformação, o que poderá ter resultado da redução de área contratada nesta campanha, equilibrando a receção de tomate com a capacidade de laboração da indústria. No final do mês encontrava-se colhida cerca de um quarto da área contratada. A produção entregue apresentava uma qualidade regular (cor e *brix*) e uma produtividade semelhante à do ano anterior. Os últimos campos plantados estavam bem revestidos de frutos, com uma elevada percentagem ainda verde devido à instalação tardia da cultura. Manteve-se a disponibilidade de água para a cultura, quer nas origens superficiais quer nas subterrâneas.

Na Grande Lisboa, apesar do atraso da cultura em cerca de um mês devido a se ter plantado tardiamente, no final do mês a maioria das plantas apresentavam bom desenvolvimento vegetativo, ainda algumas áreas em floração, mas na sua maioria com tomate vingado e em amadurecimento. Foi um mês em que decorreu a colheita de cerca de 30% da área plantada, prevendo-se o seu término para o final da segunda semana de outubro. A qualidade dos frutos colhidos tem sido boa, com bons parâmetros de *brix* e cor. As necessidades de rega foram um pouco acima da normalidade nos dias que se fizeram sentir mais quentes. Em termos quantitativos, embora a cultura se encontrasse atrasada quando comparada a um ano dito normal, estima-se que seja idêntica ou ligeiramente inferior à da campanha anterior. Apesar dos tratamentos que têm vindo a ser efetuados, constataram-se algumas pragas, situação mais desenvolvida no respetivo capítulo da "Fitossanidade". Nesta campanha o preço pago ao produtor desceu, muito provavelmente devido ao *stock* excedente da indústria o que, aliado a um ano complicado em termos de calendário de plantação, contribuiu para um aumento do risco económico a suportar pela produção.

Na Península de Setúbal, a colheita foi iniciada na primeira quinzena, prevendo-se que decorra até meados ou finais de outubro. Relativamente aos parâmetros de qualidade do fruto colhido, do ponto de vista sanitário apresentava-se bom, sendo que poderá baixar nas

colheitas mais tardias, devido à maior incidência de ácaro do bronzeamento e de *Tuta absoluta*. A cor do fruto colhido foi boa e o grau *brix* médio a bom. Em termos de produção, pode-se considerar como média, salientando a já referida situação de decréscimo de quantidade colhida em algumas parcelas devido ao fungo do solo, *Fusarium*.

Girassol

No Oeste, a cultura apresentava um atraso de cerca de duas semanas comparativamente a um ano normal. Em termos fenológicos encontrava-se na fase de maturação das sementes e secagem das plantas, tendo já terminado a rega. A colheita está prevista para o fim de setembro ou início de outubro.

Na Grande Lisboa cultiva-se girassol após as culturas de outono inverno e maioritariamente (se não a totalidade) para multiplicação, ou seja, girassol para semente com destino à exportação para países europeus de influência mediterrânica. Esta opção prende-se com o facto de que a indústria se abastece com girassol importado, a preços mais baixos do que aqueles que a produção nacional consegue praticar por ter custos muito elevados. Por tal, é mais rentável para o setor produzir girassol para semente que, devido à sua excelente qualidade, é muito procurado por outros países com maior capacidade de produção para a alimentação. A cultura encontrava-se em bom estado vegetativo, sem pragas nem doenças dignas de registo.

Melão

Na Grande Lisboa deu-se por terminada a colheita de melão, com um aumento da produtividade comparativamente ao ano anterior. A qualidade dos produtos também foi melhor, apesar de alguns frutos se apresentarem com rachaduras provocadas pelo calor excessivo. Tal como referido anteriormente, um dos aspetos que tem vindo a contribuir para o abandono da cultura são os baixos preços pagos ao produtor, que não

fazem face aos elevados custos de produção e tornam a cultura pouco rentável.

Nestas culturas e na região não ocorreram constrangimentos na quantidade de água para rega.



Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

No Oeste, as batatas de sequeiro foram sujeitas a condições climáticas e fitossanitárias muito adversas na fase inicial do ciclo da cultura, que condicionaram fortemente a produção, tendo havido searas totalmente perdidas, onde não se realizou a colheita. Com o atraso na instalação, todo o ciclo da cultura se desenvolveu mais tardiamente. No final do mês as colheitas de batata de sequeiro encontravam-se concluídas, verificando-se uma redução significativa da produção face ao ano anterior em resultado da menor área instalada, da perda de produção e da menor produtividade. A qualidade foi razoável. Na batata de regadio, foram realizadas poucas sementeiras em março, as quais decorreram principalmente no final de maio e em junho. Devido à instalação tardia, no final do mês havia muita produção ainda por colher. Ocorreram situações em que, apesar de decorrido o ciclo completo previsto para as diferentes variedades, os tubérculos encontravam-se imaturos, com necessidade de um período de espera de duas a três semanas para consolidação do encascamento. Nos campos colhidos observou-se uma redução dos calibres devido à tuberização mais superficial, associada a uma transição abrupta do tempo para temperaturas elevadas, ainda em julho. Também se verificaram alguns focos de podridão mole, causados por quebras da parte aérea das plantas junto ao solo, devido à intensidade do vento. Apesar de ainda ser prematuro, prevê-se uma quebra da produtividade com algum significado e da produção global. A qualidade prevê-se que seja razoável, com calibres

médios ou baixos, mas com tubérculos em bom estado fitossanitário.

No Médio Tejo, a campanha decorreu sob condições desfavoráveis, destacando-se o excesso de humidade no solo e a forte pressão de mildio. Estes fatores deverão ter um impacto negativo na produtividade, que se estima ser inferior à do ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, encontravam-se a decorrer as colheitas de batata de regadio, em especial as destinadas ao consumo. Prevê-se uma produtividade mais baixa comparativamente ao ano anterior e uma qualidade média a fraca devido aos calibres menores e aos problemas de sarna.

Na Península de Setúbal, a colheita da batata de regadio terminou em julho. Conforme referido no relatório anterior: *“O mildio não se revelou muito problemático. O maior problema foi o excesso de humidade no solo, consequência das elevadas precipitações verificadas ao longo da campanha e que levaram ao apodrecimento de muita batata no campo, com consequências na qualidade, que foi fraca. De salientar que, à semelhança do que se verificou na campanha anterior, as primeiras colheitas foram de menor qualidade e de produção mais baixa, sendo que nas últimas colheitas a qualidade e a produção foram melhores.*

Relativamente ao preço, ocorreu um decréscimo do valor ao longo desta campanha, o qual está a ser significativamente inferior ao da campanha anterior.”

9 de setembro de 2025

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	37,9	24,3 ^{a)}	38,4	38,1	41,0	43,8	42,4	41,2	43,3	43,9
Dia	12	11 ^{a)}	12	11	12	12	3	3	3	3
Valor médio da temperatura máxima (°C)	28,9	22,1 ^{a)}	30,3	30,7	31,6	34,8	34,2	34,5	35,3	37,3
Temperatura máxima normal para a época (°C)	27,0	—	27,8	28,8	30,7	31,9	31,5	32,2	—	33,8
Temperatura mínima (°C)	14,4	13,2 ^{a)}	14,3	17,3	13,2	13,2	15,3	13,1	14,5	12,3
Dia	29 e 31	3 ^{a)}	10	7	25	25	29	26	31	22
Valor médio da temperatura mínima (°C)	16,7	15,5 ^{a)}	16,8	19,4	16,7	16,1	17,1	15,7	16,9	15,3
Temperatura mínima normal para a época (°C)	14,8	—	16,0	18,8	16,5	15,4	16,7	14,7	—	14,2
Temperatura média normal para a época (°C)	20,9	—	21,9	23,8	23,6	23,7	24,1	23,4	—	24,0
Horas de frio	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Rajada máxima de vento (Km/h)	45,7	52,2	53,6	51,8	46,1	44,6 ^{b)}	47,5	43,2	51,1	45,0
Dia	19	12	27	20	19	27	19	20	27	19
Número de dias com precipitação	2	3	1	1	1	7	1	1	1	0
Precipitação acumulada no mês (mm)	2,0	5,8	2,1	0,1	0,9	1,7	1,0	0,8	0,6	0,0
Precipitação normal para a época (mm)	12,7	—	5,6	5,4	3,2	4,2	5,3	4,9	—	6,3
Precipitação diária máxima no mês (mm)	1,1	5,5	2,1	0,1	0,9	0,9	1,0	0,8	0,6	0,0
Dia	31	31	31	31	31	31	31	31	31	—
Humidade relativa média diária mínima (%)	65	81 ^{a)}	53	39	47	57	47	36	48	43
Humidade relativa média diária máxima (%)	80	92 ^{a)}	83	88	81	90	73	75	71	66
Humidade relativa média (%) do mês	73	87 ^{a)}	74	67	66	79	63	60	61	57

Notas:

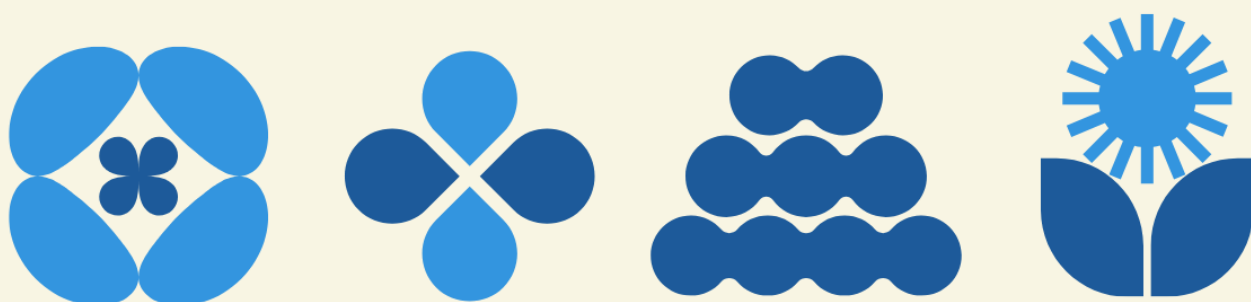
Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados no dia 12.

b) Falha de dados nos dias 13 a 17.

— Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT